



ATUALIDADES:

Nesta seção “Atualidades” toma-se como pano de fundo a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, publicada em 1960, uma leitura incisiva sobre a realidade social contemporânea das periferias urbanas brasileiras. Carolina Maria de Jesus, migrante de Sacramento, Minas Gerais, mãe solteira e moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, que foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal do Tietê, mostra no escrito, a realidade da favela sob a perspectiva de uma catadora de papel que só estudou até o segundo ano do ensino fundamental. No entanto, na sua [...] *rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas do mundo – o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite de suportável. Carolina viu a cor da fome – a amarela*” (prefácio). Desse modo, reuniu em 20 cadernos as suas observações sobre a vida cotidiana no formato de um diário onde apresenta, em linguagem comum, a pobreza como uma refração da questão social que está expressa em configurações como: desemprego, trabalho informal, precariedade de moradia, ausência de serviços de saneamento básico, diversas formas de violência, falta de segurança pública. Nos seus relatos vê-se que a Fome aparece como um eixo estruturante da vida naquela favela, como se ela organizasse o cotidiano, assim diz ela: “os favelados... deitam e não dormem porque deitam-se sem comer” (p. 29, 19 de maio de 1958); [...] “Eu tenho tanto dó dos meus filhos... Depois eles querem mais comida (p. 26, 13 mai. 1958)”; “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças” (p. 29). No livro Carolina aponta muitas questões, mas, ao longo da narrativa, pode-se evidenciar claramente que a maternidade guarda centralidade, haja vista que a autora destaca a sua condição de mulher negra e mãe solo de três filhos e, nesta condição, narra os desafios e angústias vivenciadas diariamente no tocante à responsabilidade pela garantia da sobrevivência, do cuidado e da proteção das suas crianças, em um contexto marcado pela pobreza, fome e pela negligência do Estado. São indicações que nos possibilitam compreender a maternidade das mulheres moradoras das periferias brasileiras como uma experiência marcada pelas diversas assimetrias inerentes às desigualdades sociais típicas de uma sociedade estruturada em raízes colonialistas, racistas e machistas onde cabe à mulher assumir, quase exclusivamente, a responsabilidade pelo cuidado e em muitos casos a provisão do sustento familiar: “Que suplício catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha... ela tem dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e o peso (dela) nos braços [...] Como é pungente a condição da mulher sozinha [...]” (p. 22).

Desse modo, as reflexões trazidas pela autora demonstram que a narrativa deste livro não se configura apenas como uma obra autobiográfica, na verdade ele se mostra como um veículo de denúncia da realidade social vivida naquela comunidade e em tantas outras que ainda existem no país. Do mesmo modo, pode-se também afirmar que a narrativa revela que a maternidade, especialmente para mulheres negras e pobres, é atravessada por múltiplas formas de exploração, invisibilização e sobrecarga, configurando-se como um trabalho contínuo e exaustivo, sustentado pela ausência paterna e pela precariedade ou mesmo ausência das políticas públicas. Ao narrar seu cotidiano, ela demonstra como o cuidado e a provisão material são naturalizados como dever exclusivo das mulheres, reforçando um modelo de maternidade solitária socialmente legitimado pela lógica da desigualdade estrutural presente na realidade brasileira.

Assim, a obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” convoca para uma reflexão crítica sobre a urgência de políticas públicas de cuidado, pela necessidade da ampliação do número de creches públicas, pela garantia de direitos trabalhistas e pela efetiva responsabilização paterna. Reconhecer a



maternidade como uma expressão da questão social e política, e não apenas privada, é fundamental para romper com a naturalização da sobrecarga feminina e avançar na construção de uma sociedade mais justa. A escrita de Carolina Maria de Jesus, ao dar voz a uma experiência coletiva historicamente silenciada, permanece atual e necessária, reafirmando a literatura como instrumento de resistência, denúncia e transformação social. Carolina Maria de Jesus sabia da força de seus escritos tanto que diz em uma passagem do livro: *“Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade”* (p.197).

Em síntese, no livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada, Carolina Maria de Jesus retrata a árdua rotina de catar papéis e latas num intenso e consistente relato que expressa profunda resistência. Para ela, recolher aquilo que a cidade descartava era, ao mesmo tempo, sobrevivência e dignidade. Assim, construiu uma narrativa que atravessou décadas e ainda provoca fortes ecos em quem o lê.